Vanusa Carvalho

O preço que se paga

Essa não é uma história de redenção.

A escrita desta obra é dedicada a cada pessoa que acredita no meu potencial, em especial, a minha querida Maria Vanda. Uma pessoa excepcional que partiu para a eternidade sem que eu pudesse dizer adeus

SUMÁRIO

CAPÍTULO I – Chegada ----------03

CAPÍTULO II – Apresentações ----------06

CAPÍTULO III – Confiança ----------12

CAPÍTULO IV – Conversas ----------18

CAPÍTULO V – Verdades----------27

CAPÍTULO VI – Negócios ----------34

CAPÍTULO VII – Mudanças ----------40

CAPÍTULO VIII – Passado ----------50

CAPÍTULO IX – Pagamentos ----------54

CAPÍTULO X – Fim ----------60

CAPÍTULO I – **Chegada**

O horizonte lá fora se assemelhava a uma pintura. Distintos tons de verde, laranja e amarelo se misturavam e explodiam como vultos por detrás do vidro embaçado. De vez em quando, como pontos disformes, pessoas e animais conferiam um movimento diferente para a paisagem que passava ligeira e confundia mais ainda o olhar perdido de Augusto. E enquanto o carro percorria o trajeto entre o aeroporto e a fazenda Folha Dourada, o rapaz executava uma fosca tentativa de organizar a sua mente caótica e machadiana. Lá nos recôncavos da sua consciência, um menino maltrapilho recolhia do chão e guardava em gravetas de madeira antiga, papéis amarelados, documentos de outrora, etiquetados com os emblemáticos dizeres: “fingir que esqueceu”, “esquecer”, “não esquecer jamais”. E toda vez que o pobre garoto terminava o serviço, uma ventania surgida não sei de onde vinha e desfazia toda labuta, revolvendo o cubículo escuro de sua psique e trazendo toda papelada amassada de volta ao chão. Mas insistente que parecia ser, o menino começava de novo e de novo toda lida que lhe fora confiada...

— Ei! Posso saber em que ou em quem você tanto pensa?

Os dedos finos de Ana tocaram as costas de suas mãos frias e Augusto foi sugado de volta à realidade.

— Não é nada. Estou apenas me preparando psicologicamente para o que enfrentaremos logo mais.

— Você está com medo?

— Não, medo não. Faz tempo que eu não me dou ao luxo de sentir medo. Só estou desconfortável. Afinal de contas, não é uma situação muito usual, né?! Venhamos e convenhamos.

Um sorriso sem muito entusiasmo brincou nos lábios dele.

— É, eu preciso concordar. O velho Regis Conti vai surtar quando descobrir que a princesinha dele voltou casada com um desconhecido.

Quem sorriu agora foi Ana, mas de discreto o sorriso da moça não tinha nada. Seus dentes alvos se mostraram todos, ladeados por grandes e coloridos lábios.

— Desconhecido? Ah, mas eu não sou qualquer desconhecido, ou sou?

Ao passo que falava isso, o agora não tão tímido marido, entrelaçou a esposa pela cintura, trazendo-a até seu colo e fazendo-a encará-lo, nariz com nariz. O cheiro de ambos se misturava e inundava o ambiente de luxúria. As bocas se uniram numa torrente, provocando espasmos e sons abafados pelo recato de quem ocupa um carro conduzido por uma terceira pessoa.

A contragosto, diga-se de passagem, a moça escorregou para lado do marido. Puxou o ar, esticou a saia vermelha pregueada, passou as mãos sobre o cabelo liso e ajeitou uma mecha rebelde, alinhando-a atrás da orelha. Suspirou fundo, concluiu que havia se recomposto.

Augusto, por sua vez, ajeitou o nó da gravata, esticou a calça, o paletó e mergulhou os dedos entre os cabelos bem cortados, deixando-os visivelmente bem alinhados. Resolveu romper o silêncio que imperou durante alguns minutos.

— Afinal, como vai ser? Contaremos logo de pronto ou esperaremos?

— Não sei. Eu ainda estou em dúvida. O que você acha?

— Bem, eu não conheço muito bem o seu pai. Mas acredito que seja melhor eu amansar a fera, não? Ganhar a confiança dele, criar laços e depois contamos.

— Sim, acho que você está certo. Vamos chegar de mansinho. Você elogia a fazenda, a casa e a plantação. Dá umas voltas de cavalo com ele, toma umas bebidas, ouve as histórias dele sem interromper, vai em umas pescarias, faz outras coisas de macho alfa e logo ele vai estar te chamando de compadre. E para sair do compadre para o "meu genro", vai ser um pulo.

— Então, mocinha, lembre-se de tirar essa aliança.